

Embora o cenário e o sermão fossem diferentes, este pai considerou a cerimônia mais profunda e comovente do que nunca



Casamento à beira-mar

Condensado de GUIDEPOSTS

ARTHUR GORDON

DESDE o começo, eles não queriam uma cerimônia religiosa tradicional. «Bem», disse-mos, meio duvidosos, «o casamento é de vocês. Como o preferem, e onde?» «Durante o pôr-de-sol», respondeu Dana, com um ar sonhador e sua longa cabeleira loura ondulando ao vento. «Numa praia. Com um padre que compreenda como Ken e eu nos sentimos, e que saiba dizer um sermão de acordo com o século XX.»

«E o que você vai usar?», perguntou a mãe.

«Um longo vestido branco», disse Dana. «Com um buquê de algas marinhas, mas sem sapatos. Quero sentir a areia em meus pés. Não sei porquê, mas quero.»

Ela escolheu a praia, pensei, porque aprendeu comigo a amá-la. Alguma coisa bem no fundo de nós sabe que a vida se torna tremendamente significativa quando a areia e a água salgada

se misturam. Ela estaria seguindo este instinto, e estava certa.

Assim, eu estava feliz, mas uma ponta de apreensão me sobressaltava. Ken nada tinha a ver com a coisa — era um ótimo rapaz, forte e alto, com incrível habilidade para o *surf*, e uma carreira de professor à sua frente. Você tem medo, disse para mim mesmo — só isto. Tem medo de que alguma coisa muito importante em sua vida chegue ao fim. Medo de que sua proximidade com a filha desapareça. É um sentimento muito profundo para ser explicado pela razão — ou por palavras.

«Providencie umas ondas bem fortes, sim?», disse Dana, abraçando-nos. «E nada de tempestades, por favor.»

«Isto não depende de nós, você sabe, mas faremos o melhor possível.»

Assim, quando chegou a hora, lá estávamos (amigos, vizinhos, parentes) no pequeno anfiteatro natural de uma duna. Atrás de nós, o sol se punha em tonalidades cor de âmbar. À nossa frente, o oceano se impunha, em tons de ouro, jade e marfim. O jovem padre nos encarava, com os paramentos ondulando ao vento e as línguas de espuma lambendo-lhe os tornozelos.

Amigos, aqui estamos nesta tarde para partilhar com Ken e Dana um dos momentos mais importantes de suas vidas. Em lugares como este, eles aprenderam a se conhecer e amar. Agora decidiram unir suas vidas como marido e mulher...

Em lugares como este... Imagens se formavam e se dissolviam em minha mente. Alguns anos antes, naquela mesma praia, a poucos metros

dali, uma plácida lagoa deixada pela maré. Num momento, havia uma garotinha de três anos brincando; em seguida, de repente, ela desaparecia. Então, a apavorante constatação, o mergulho frenético, a onda que devolvia a pequenina figura — e o alívio de descobrir que, de alguma forma, ela se lembrara do que lhe ensináramos a respeito de prender a respiração. Depois, os olhos grandes cinzentos se abriam, e sua vozinha me parecia uma repreensão: «Por que não mergulhou logo? É tão escuro lá em baixo!»

Em outro dia, anos depois, quando ela tinha talvez 11 ou 12 anos, descobrimos um velho pelicano, doente e tiritando. Nada podíamos fazer, exceto vê-lo morrer, e o impacto de contemplar a morte pela primeira vez, com a aguda dor da compaixão se apossando do seu espírito sem defesa. «Oh», ela comentou, entre lágrimas, agarrando-se a algo que diminuísse sua angústia, «ainda bem que não o conhecíamos há muito tempo.»

Muito depois, as tardes douradas quando ela saía, dizendo que tinha de levar o cão para passear, mas intimamente esperando encontrar Ken na área de *surf*. Ele dificilmente lhe «daria bola» naquela época, mas ela se sentava nas dunas, com os braços ao redor dos joelhos, o coração cheio de amor e ansiedade, enquanto o grande pastor-alemão ficava imóvel ao lado, como uma estátua.

Em lugares como este...

A voz do padre continuava, serenamente: *Aqui estamos para ouvir a promessa de Ken e Dana, de que en-*

frentarão juntos o futuro, aceitando o que lhes for destinado. Este cenário não foi escolhido por acaso. Os que amam o mar sabem ouvir nele o pulsar da Criação, nas marés que vêm e voltam, no sol que nasce e se põe, e nas estrelas que iluminam o céu. Somos gratos pela beleza à nossa volta, pela força que ele nos oferece, pela paz que ele nos traz.

Sim, pensei, é para encontrar força que buscamos lugares onde prevalecem os grandes elementos da natureza. Para alguns de nós, este lugar é o mar. Para outros, as montanhas, como estão nos salmos. Erguerei os olhos...

Agora, o sermão era dirigido ao jovem casal: Dana e Ken, nada é mais fácil do que prometer, e nada é mais difícil do que viver, dia a dia, o que prometemos. O que prometeram hoje deve ser renovado e redecidido amanhã. Ao fim desta cerimônia, vocês serão legalmente marido e mulher, mas mesmo assim deverão se decidir, em cada dia de suas vidas, que desejam se casar.

Será que eles entenderão isto agora, pensei, observando seus rostos tão jovens, ou esta compreensão virá aos poucos, através dos anos, como para muitos de nós?

O verdadeiro amor, dizia o jovem padre, jaz além do calor e brilho, do excitação e romance de uma paixão. Significa cuidar tanto da felicidade e bem-estar do seu cônjuge como do nosso próprio, mas o verdadeiro amor não é absorção total de um pelo outro; significa olhar, juntos, na mesma direção. O amor torna os fardos mais leves, porque os divide ao meio.

Torna as alegrias mais intensas, porque compartilhadas, e nos torna mais fortes, porque nos impele à vida de uma forma que, sozinhos, não seríamos capazes de consegui-lo.

É verdade, eu pensava, mas temos que viver a experiência para aprendê-la, e, mesmo assim, ninguém, exceto um santo, poderia aplicar mais do que fragmentos dessa experiência em seu próprio casamento.

Agora, chegava o momento das perguntas, e realmente a linguagem pertencia ao século XX. Ken, aceita Dana como sua esposa? Promete amá-la e respeitá-la? Será honesto para com ela — sempre? Ficará a seu lado em qualquer circunstância? Fará tudo que for necessário para que possa partilhar legitimamente sua vida com ela?

Sim, disse o rapaz, e a frágil garota deu idêntica resposta às mesmas perguntas.

Agora o padre dirigia seu olhar para nós. Quem traz esta mulher para viver com este homem?

Nós trazemos, respondemos juntos eu e minha mulher. Não podíamos dar nossa filha, como se ela fosse um objeto de nossa propriedade. Ela era, única e eternamente, dela mesma. No entanto, não fosse pelo nosso amor, ela não estaria aqui, sob este céu tranquilo, perto deste mar incansável.

A mesma pergunta foi feita aos pais de Ken, e a mesma resposta veio. Depois, um desafio a nós quatro: *Estão dispostos, agora e sempre, a apoiar e fortalecer este casamento, cercando Ken e Dana com seu amor e compreensão?*

Sim, respondemos — e agora todos nos sentíamos parte da cerimônia. Nenhum favoritismo, nenhuma parcialidade. Apenas uma comedida e constante defesa contra as terríveis forças «centrífugas» que ameaçam todos os casamentos. Isto, pelo menos — pensei —, está dentro de nossas possibilidades; isto podemos fazer.

Então, por um instante, o vento pareceu se calar e as algas marinhas se aquietaram. Vi tremer os dedos de Dana, quando ela depositou sua mão sobre a de Ken, esperando pelo velho símbolo da fidelidade e do amor.

Dou-lhe este anel, disse o rapaz. *Use-o com amor e alegria. Eu a elegi minha mulher, para hoje e sempre.*

Aceito este anel, disse nossa filha, com um fio de voz, mas uma voz de mulher. *Prometo usá-lo com amor e alegria. Elegi-o meu marido, para hoje e sempre.*

Então, o silêncio, por um instante. Ninguém se mexia. Os rostos dos presentes estavam iluminados por algo indefinível, uma espécie de suspensão do tempo, como se o espírito da vida estivesse ali presente. Talvez seja desta forma que comecem as coisas realmente responsáveis, pensei. Nenhuma certeza. Nenhuma garantia. Ape-

nas uma escolha, uma intenção, uma promessa, uma esperança.

O padre se inclinou e apanhou nas suas as mãos dadas do casal. *Ken e Dana, ouvimo-los prometer partilhar suas vidas em casamento. Reconhecemos e respeitamos o seu compromisso. Não é a presença de um padre que torna real o casamento, mas sim a honestidade e sinceridade do que acabaram de dizer e fazer aqui, diante de seus pais e amigos e na presença de Deus. Representando todos aqui presentes, tomo suas mãos e declaro que são agora marido e mulher.*

Sorriu e soltou suas mãos. *Agora a cerimônia terminou, mas começa a experiência de viver, o dia-a-dia de suas vidas de casados. Sejam felizes. Amem a vida, para que esta os ame. As bênçãos de Deus estejam com vocês.*

Assim seja, pensei, observando Dana beijar seu marido e virar-se para abraçar a mãe. Assim seja, clamaram todos em abraços e apertos de mão, os risos excitados e as lágrimas sinceras. Assim seja, murmuraram o vento e as ondas, dando as costas mais uma vez às preocupações humanas — e quando procurei pela apreensão que havia me sobressaltado no início, ela tinha desaparecido.



MINHA mulher tem grande orgulho das suas mobílias antigas. A menor mancha ou arranhão numa das suas queridas relíquias faz com que ela, que é uma pessoa calma, fique irritada. Há tempo, ela teve uma maneira original de desculpar uma mulher que tinha derramado café por cima de uma das nossas cadeiras. Voltou-se para a convidada, que se desfazia em desculpas, e disse: «Não se preocupe. Essa cadeira é nova.»

— S. B.